

DOSSIÊ CHINA: TRANSFORMAÇÕES, IMPACTOS GLOBAIS E CONTROVÉRSIAS

Os Cadernos do CEAS esperam, com este dossiê, poder contribuir para o conhecimento sobre a China, que se tornou um tema obrigatório para as discussões sobre os mais diversos aspectos no mundo do Século XXI. Os brasileiros temos máximo interesse nesses debates, somos parte diretamente interessada. Desde 2009, a China tornou-se o principal parceiro comercial do Brasil, além dos seus investimentos crescentes. Os chineses estão cada vez mais envolvidos, desempenhando papel determinante, com o agronegócio, mineração, infraestrutura, petróleo, indústria e privatizações no Brasil. Esse expansionismo econômico chinês no Brasil tem impactos políticos, sociais, ambientais de grande monta.

Mas é um grande desafio formar uma visão mais acurada e realista possível sobre a China, daqui de longe e do Ocidente. Tudo isso demanda mais informações, pesquisas, avaliações críticas e plurais. Logo de início constatam-se duas dificuldades: primeiro, há sempre a menção a certa opacidade dos chineses a respeito de informações mais completas e significativas da sua realidade; segundo, há referência ao preconceito racial, viés eurocentrista e rivalidade política ideológica do Ocidente em relação à China.

No Brasil, há uma dificuldade adicional, porque os estudos amplos, estruturados e sistemáticos sobre a China nas universidades brasileiras são muito recentes, pouco mais de uma década, sem falar na incipiente do debate mais amplo e necessário na sociedade brasileira sobre as transformações chinesas. Isso contrasta com a Europa e Estados Unidos que, desde os séculos XIX e XX, desenvolveram, em meio ao eurocentrismo, esforços específicos dos assim chamados estudos de área para a China, inclusive os campos afro-orientais, com currículos, publicações regulares periódicas e instituições sólidas em todas as mais importantes universidades. A guerra fria, a influência cultural americana e o distanciamento econômico e diplomático condicionaram essa dificuldade brasileira nos estudos sobre a China. Tudo isso mudou em apenas 15 anos: a universidade brasileira, digamos, descobriu a China. Isso foi beneficiado, de um lado, pela revolução das trocas comerciais brasileiras com a China e, de outro lado, pela grande expansão das universidades no Brasil, com áreas “novas”, a exemplo dos cursos de relações internacionais, além de larga



nova geração de pesquisadores. Ademais, a China, recentemente, já entrou no próprio debate político brasileiro, como se constata nas controvérsias geradas pelo governo Bolsonaro a respeito da ideologia chinesa. Como ocorreu no pleito eleitoral presidencial de 2022, os candidatos foram obrigados a expressar posições sobre a relação entre o Brasil e a China, sobretudo no âmbito da economia política.

As pesquisas sobre a China, em diversas dimensões e enfoques, abordam questões internas e externas à China, seu passado e presente. O país e a vida dos trabalhadores, inclusive e sobretudo sua maioria camponesa (até 2010), passaram por tectônicas mudanças com a revolução comunista em 1949 e com as reformas de mercado a partir de 1978. As condições de saúde e educação das massas trabalhadoras, o crescimento econômico, a infraestrutura da indústria pesada e as inovações da industrialização rural são heranças da era maoísta. Embora ignoradas ou subestimadas, essas heranças ofereceram as bases, o ponto de partida, paradoxalmente, para o espetacular sucesso das reformas pró-mercado. A sociedade e a economia chinesas foram profundamente transformadas nas últimas décadas. O imenso poder de regulação do Estado comandou o êxito econômico nos marcos do projeto nacional chinês, inclusive beneficiando-se, contraditoriamente, da globalização e abertura do mercado mundial. Em 2020, o governo comemorou a importante conquista da eliminação da pobreza extrema. Em 2020 e 2021, a China destacou-se na gestão da pandemia da Covid-19 e manteve seu crescimento econômico, apesar da queda relativa.

Todavia, a sociedade chinesa exibe abismais desigualdades de renda e riqueza. O crescimento econômico acelerado produziu grave crise ambiental, com impactos globais. A expansão econômica chinesa, sobretudo nos países periféricos, debate-se entre as proclamações de cooperação da diplomacia *win-win*, de um lado, e as acusações de novo imperialismo, de outro lado. O sucesso chinês e a controversa possibilidade de superação da hegemonia dos Estados Unidos na ordem internacional levaram Washington a deflagrar uma ofensiva política e econômica contra a China, com marcas de sinofobia e ódio ideológico. As novas tecnologias de informação, e especificamente os semicondutores, têm concentrado as disputas entre os Estados Unidos e a China, além da tentativa americana de cerco militar e diplomático sobre os chineses.

Agradecemos a colaboração dos autores dos nove artigos que compõem este dossiê. Eles expõem um panorama rico e diversificado de temas e abordagens. Assim, os Cadernos

do CEAS, com o presente dossiê, abrem suas páginas para os estudos sobre questões relevantes da China, a saber:

- a) o modo de produção na China (teoria e debate sobre capitalismo e socialismo): ver o artigo: *O SOCIALISMO CHINÊS DIANTE DO CONCEITO DE SOCIALISMO*, de autoria de Eleutério F. S. Prado;
- b) as relações em sentido mais “econômico” da China no mundo (recursos naturais, comércio, investimentos, tecnologias, catching-up): expresso nos artigos: *POLÍTICA INDUSTRIAL E CATCHING-UP DA ESTRUTURA PRODUTIVA CHINESA ENTRE 2007 E 2014*, por Antônio Carlos Diegues, Mateus Guerreiro Pellegrini e Thiago Noronha Sugimoto; e *O PAPEL DA ANTÁRTICA NA ESTRATÉGIA DE DESENVOLVIMENTO DA CHINA NA ERA XI JINPING*, de autoria de Rubia Cristina Wegner e Marcelo Pereira Fernandes;
- c) outras questões e impactos internacionais diversos da ascensão chinesa (a teoria de Relações Internacionais, o conflito com os Estados Unidos; o desenvolvimento econômico e a soberania nacional dos países periféricos; problemas ambientais; efeitos sociais; polarizações políticas e ideológicas; influência cultural; segurança): podem ser encontrados nos artigos: *A TRANSIÇÃO NA POLÍTICA EXTERNA DA “ASCENSÃO PACÍFICA” PARA O “SONHO CHINÊS” À LUZ DO DEBATE TEÓRICO DE RI NA CHINA*, de autoria de Isabela Nogueira e Letícia Elói Meira Fona; *O ASCENSO DA CHINA E O SISTEMA MUNDIAL: RELAÇÕES DE COOPERAÇÃO, FUTURO COMPARTILHADO OU BIPOLARIZAÇÃO INTERIMPERIALISTA?*, por Jorge Almeida; *SEGURANÇA ENERGÉTICA, SEGURANÇA INTERNACIONAL E POLÍTICA EXTERNA CHINESA: BREVES NOTAS SOBRE SUDÃO E SUDÃO DO SUL*, por Renan Holanda Montenegro; *COOPERAÇÃO CHINESA PARA O DESENVOLVIMENTO: O CASO DE MOÇAMBIQUE* de Tomé Fernando Bambo e Adriana Schor; *A CONTRIBUIÇÃO DA CHINA PARA A COOPERAÇÃO SUL-SUL: O SOCIALISM ODE MERCADO*, de Mariana Bolfarine Caixeta; *ECOLOGICAL CIVILIZATION AND BELT ROAD INITIATIVE: A CASE STUDY* de Douglas de Castro e Siyi Zhang.

Renildo Souza (UFBA)^{*} e
Elsa Kraychete (UFBA)^{**},
Coordenadores do Dossiê.

* Doutor em Administração, mestre e bacharel em Ciências Econômicas pela Universidade Federal da Bahia. Professor associado, aposentado, atua no Programa de Pós-Graduação em Economia-UFBA e no Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais/IHAC/UFBA.

** Doutora em Administração, mestrado e graduação em Economia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, da Universidade Federal da Bahia, integra o grupo de pesquisa Laboratório de Análise Política Mundial UFBA.